

## VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO PUERPÉRIO E FATORES ASSOCIADOS

### GENDER VIOLENCE IN THE PUERPERIUM AND ASSOCIATED FACTORS

### VIOLENCIA DE GÉNERO EN EL PUERPERIO Y FACTORES ASOCIADOS

Isadora Maria Rodrigues Bezerra

Maria Eduarda Amaral Carneiro

Thawana Silva Vieira

Tereza Cristina de Carvalho Souza Garcês<sup>1</sup>

**RESUMO:** Introdução: No período puerperal, a mulher é submetida a intensas alterações fisiológicas acompanhadas por significativas variações hormonais, fatores que podem aumentar sua susceptibilidade aos agravos decorrentes da violência de gênero. Objetivo: Identificar os principais fatores associados à violência de gênero no puerpério através de uma revisão sistemática. Métodos Foi realizada uma revisão sistemática, com pesquisas em bases de dados como LILACS, PubMed, MEDLINE e SciELO. Utilizaram-se descritores como "violência de gênero", "puerpério", "vulnerabilidade" e "desigualdade de gênero estrutural", aplicando operadores booleanos AND e OR. Resultados e Considerações finais: A pesquisa envolveu análise sistemática de 464 artigos, dos quais 20 foram selecionados para leitura exploratória. Após aplicação de critérios de inclusão, 9 artigos foram analisados, identificando-se prevalência significativa de violência por parceiro íntimo, 51,2% das puérperas relataram experiências de abuso antes, durante ou após a gestação, contribuindo para o desenvolvimento de transtornos como depressão pós-parto e transtorno de estresse pós-traumático. Conclusão: Os fatores vinculados à violência no pós-parto incluem desigualdades de gênero, estruturas familiares patriarcais, falta de suporte social e limitado acesso a serviços de saúde e assistência social. A literatura revisada também revela ausência de protocolos específicos e carência de profissionais capacitados para o reconhecimento e manejo adequado dessas situações.

480

**Palavras-chave:** Violência de gênero. Puerpério. Desigualdade de gênero. Saúde reprodutiva.

**ABSTRACT:** Introduction: In the puerperal period, women undergo profound physiological changes, accompanied by significant hormonal fluctuations, factors that may increase their susceptibility to the adverse effects of gender-based violence. Objective: To identify the main factors associated with gender-based violence during the puerperium through a systematic review. Methodology: A systematic review was conducted, searching databases such as LILACS, PubMed, MEDLINE, and SciELO. Descriptors like "gender-based violence," "puerperium," "vulnerability," and "structural gender inequality" were used, applying Boolean

<sup>1</sup>Orientadora no Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba - IESVAP/Afya Educacional Parnaíba. Mestra em Biotecnologia com ênfase em Microbiologia e Bioprocessos; Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME). Bacharel em Biomedicina pela UFPI.

operators AND and OR. Results and Final Considerations: The research involved a systematic analysis of 464 articles, of which 20 were selected for exploratory reading. After applying inclusion criteria, 9 articles were analyzed, identifying a significant prevalence of intimate partner violence; 51.2% of puerperal women reported experiences of abuse before, during, or after pregnancy, contributing to the development of disorders such as postpartum depression and post-traumatic stress disorder. Conclusion: Factors linked to postpartum violence include gender inequalities, patriarchal family structures, lack of social support, and limited access to healthcare and social services. The reviewed literature also reveals the absence of specific protocols and a shortage of trained professionals to recognize and properly manage these situations.

**Keywords:** Gender violence. Puerperium. Gender inequality.

**RESUMEN:** Introducción: En el período puerperal, la mujer experimenta profundas transformaciones fisiológicas, acompañadas de importantes fluctuaciones hormonales, factores que pueden incrementar su susceptibilidad a los efectos adversos de la violencia de género. Objetivo: Identificar los principales factores asociados a la violencia de género en el puerperio a través de una revisión sistemática. Metodología: Se realizó una revisión sistemática, con búsquedas en bases de datos como LILACS, PubMed, MEDLINE y SciELO. Se utilizaron descriptores como "violencia de género", "puerperio", "vulnerabilidad" e "inequidad de género estructural", aplicando operadores booleanos AND y OR. Resultados y Consideraciones Finales : La investigación involucró un análisis sistemático de 464 artículos, de los cuales 20 fueron seleccionados para lectura exploratoria. Tras aplicar los criterios de inclusión, se analizaron 9 artículos, identificando una prevalencia significativa de violencia por parte de la pareja íntima; el 51,2% de las mujeres en el puerperio reportaron experiencias de abuso antes, durante o después del embarazo, contribuyendo al desarrollo de trastornos como depresión posparto y trastorno de estrés postraumático. Conclusión: Los factores vinculados a la violencia en el posparto incluyen desigualdades de género, estructuras familiares patriarcales, falta de apoyo social y acceso limitado a servicios de salud y asistencia social. La literatura revisada también revela la ausencia de protocolos específicos y la falta de profesionales capacitados para el reconocimiento y manejo adecuado de estas situaciones.

481

**Palabras clave:** Violencia de género. Puerperio. Desigualdad de género.

## INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a violência de gênero é definida como qualquer ato violento contra o sexo feminino que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, incluindo ameaças, coação ou privação arbitrária de liberdade, tanto em esferas públicas quanto privadas (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2018). Esse cenário é alarmante, visto que se estima que, globalmente, cerca de um terço das mulheres já tenham sofrido algum tipo de violência, seja psicológica, física ou sexual. Esses dados justificam a inclusão da igualdade de

gênero como um dos dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (DE ALENCAR, 2020).

A violência de gênero, nesse sentido, não é apenas uma manifestação individual, mas um fenômeno estrutural, profundamente enraizado nas desigualdades históricas, sociais e culturais que ainda permeiam a sociedade. Ela perpetua ideais de virilidade, dominação e repressão masculinas, sendo reforçada até mesmo por mecanismos sutis de normalização, que podem ser reproduzidos inclusive pelas próprias mulheres (GOMES, 2024). Tais padrões atravessam diferentes camadas sociais, expressando-se também no campo da saúde pública, onde a violência impacta diretamente o acesso, a qualidade e a integralidade do cuidado destinado às mulheres.

Um dos períodos mais críticos em que essa vulnerabilidade se intensifica é o puerpério, fase que se estende desde o parto até a recuperação fisiológica do corpo feminino. O período puerperal é marcado por alterações fisiológicas, anatômicas e psicológicas, desencadeadas principalmente pelas intensas variações hormonais que ocorrem após o nascimento (BAPTISTA JR, 2022). Embora naturais, essas transformações exigem grande capacidade de adaptação e podem gerar maior vulnerabilidade física e emocional, sobretudo diante das exigências do cuidado com o recém-nascido e das mudanças sociais que envolvem a maternidade (SOUZA RE; BARCELOS BR, 2021).

482

Nesse contexto, torna-se evidente que a sobrecarga emocional, a dependência socioeconômica, a fragilidade do suporte familiar e a invisibilidade de demandas psíquicas podem intensificar a exposição das mulheres a situações de abuso, negligência e maus-tratos (PORTO RB, et al., 2020). Além disso, estudos demonstram que a violência durante o ciclo gravídico-puerperal não apenas compromete a saúde materna, mas também impacta negativamente a saúde do recém-nascido, podendo resultar em desfechos adversos como depressão pós-parto, transtorno de estresse pós-traumático, dificuldades no vínculo mãe-bebê e prejuízos ao desenvolvimento infantil (CAMPOS, 2021).

Outro aspecto relevante refere-se à dificuldade que muitas mulheres apresentam em reconhecer a violência que sofrem. Isso ocorre, em parte, devido à construção social que restringe a percepção de agressão a atos físicos, negligenciando dimensões psicológicas, sexuais e patrimoniais que podem ser igualmente destrutivas (SILVA et al., 2020). Somam-se a isso fatores de risco, como baixa escolaridade, histórico de violência familiar, consumo de álcool e

drogas pelo parceiro, desigualdade de gênero e precariedade socioeconômica, que ampliam a probabilidade de violência durante o puerpério (SILVA et al., 2020).

Ainda no âmbito da saúde, destaca-se a violência obstétrica como uma problemática que afeta mulheres em diferentes contextos. Trata-se de práticas abusivas, desumanizadas e coercitivas durante o pré-natal, parto e pós-parto, que além de violarem direitos fundamentais, podem desencadear traumas psicológicos severos, contribuir para o desenvolvimento de depressão pós-parto e comprometer a confiança no sistema de saúde (JUSTINO, 2021).

Diante desse cenário, torna-se imprescindível compreender a interface entre o puerpério e a violência de gênero, de modo a fomentar estratégias preventivas, protocolos de identificação precoce e políticas públicas voltadas para a proteção integral da mulher. Assim, este trabalho tem como objetivo capacitar mulheres a reconhecerem manifestações veladas de violência no período puerperal, além de democratizar o acesso à informação em saúde, tanto para profissionais quanto para a comunidade em geral. Busca-se, ainda, contribuir para o avanço da produção científica e para a construção de indicadores que permitam avaliar, ao longo do tempo, a evolução da segurança íntima e materna no Brasil, visando um futuro em que a violência de gênero seja apenas um registro histórico, documentado como um problema social superado (JUSTINO, 2021).

## MÉTODOS

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura realizada conforme as recomendações do checklist PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) (Page et al., 2021). A estratégia de busca contemplou as bases de dados LILACS, PubMed/MEDLINE e SciELO, utilizando descritores em português e inglês, a saber: “Violência de gênero” (Gender-based violence), “Puerperas” (Postpartum women), “Vulnerabilidade” (Vulnerability) e “Desigualdade de gênero estrutural” (Structural gender inequality), combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR.

Foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2024, redigidos em português, inglês ou espanhol, de natureza qualitativa ou descritiva, e que abordassem de maneira explícita a violência de gênero durante o puerpério, tendo as puerperas como população-alvo. Excluíram-se os estudos fora do intervalo temporal estabelecido, aqueles que não tratassem especificamente de puerperas, além de editoriais, revisões narrativas, literatura cinzenta e pesquisas sem relação direta com a temática. O recorte temporal (2018–2024) foi definido com o intuito de abarcar

evidências recentes, considerando que a produção científica relacionada à violência de gênero e à saúde materna se intensificou a partir de 2018, o que permite uma análise mais representativa do estado atual do conhecimento.

A busca inicial resultou na identificação de 464 artigos. Após a triagem por títulos e resumos, 20 artigos foram selecionados para leitura integral, dos quais 11 foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão. Dessa forma, 9 artigos compuseram a síntese qualitativa da presente revisão. O processo de seleção dos estudos foi representado por meio do fluxograma PRISMA. Os dados extraídos dos artigos incluídos foram sistematizados em planilha eletrônica, contemplando título, autores, ano de publicação, periódico, objetivos, principais resultados e fatores associados. A análise foi conduzida de forma qualitativa, possibilitando a identificação de padrões, tendências e lacunas na literatura, bem como a discussão de fatores de vulnerabilidade relacionados à violência de gênero no período puerperal e suas implicações para a saúde pública.

**Figura 1:** Fluxograma ilustrativo da análise realizada para a confecção do referido artigo.

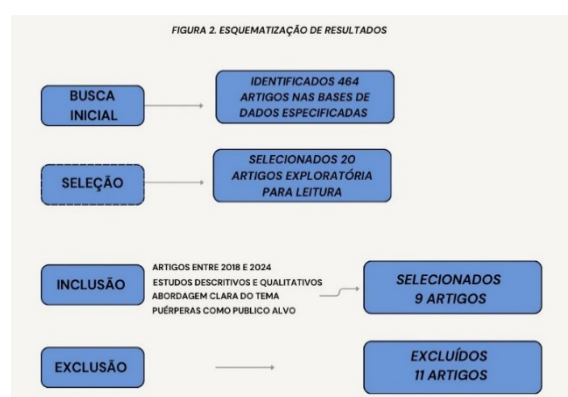


## RESULTADOS

Com base na análise realizada sobre a violência de gênero durante o puerpério, obteve-se uma compreensão aprofundada dos fatores que influenciam essa problemática e suas consequências para as puérperas. Os dados coletados e organizados ao longo do estudo foram minuciosamente avaliados, permitindo a identificação de padrões e tendências que evidenciam a vulnerabilidade das mulheres nesse período. Na busca inicial foram identificados 464 artigos nas bases de dados especificadas, durante a seleção 20 artigos foram escolhidos para leitura exploratória. Dentre os critérios de inclusão obteve-se resultados por meio dos trabalhos publicados entre 2018 e 2024; estudos descritivos e qualitativos, com abordagem clara do tema e que possuíam as puérperas como público alvo, sendo 9 selecionados dentre os 20. Adiante, todos

os outros 11 artigos que não se encaixavam nesses requisitos foram excluídos. Como resultado dessa análise, foram reveladas informações cruciais que ampliam o entendimento sobre as dimensões da violência de gênero no puerpério, ressaltando os impactos dessa violência na saúde física e mental das mulheres. Esses resultados estão ilustrados na seguinte figura e na tabela a seguir:

**Figura 2.** Fluxograma PRISMA demonstrando o processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos na revisão sistemática (2018–2024).

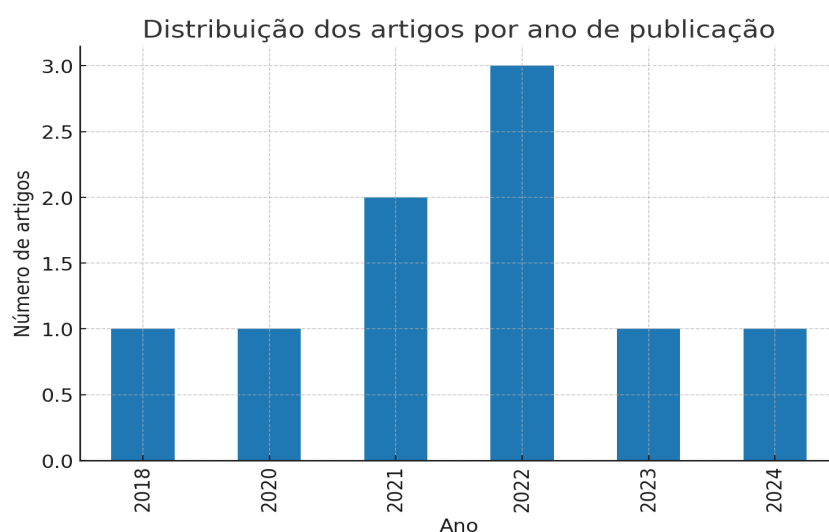


**Fonte:** Autoria própria, 2025

A análise dos estudos selecionados permitiu identificar padrões e tendências relevantes sobre a violência de gênero no puerpério. Os resultados evidenciam uma concentração de publicações recentes, sobretudo a partir de 2021, o predomínio de estudos originais em relação a revisões e uma diversidade de periódicos que abordam a temática. Essa síntese visual reforça a importância da produção científica recente e da consolidação da temática como campo de investigação em saúde materna e violência de gênero. A seguir, apresentam-se gráficos que resumem a distribuição temporal dos artigos, o tipo de estudo e os principais periódicos de publicação.

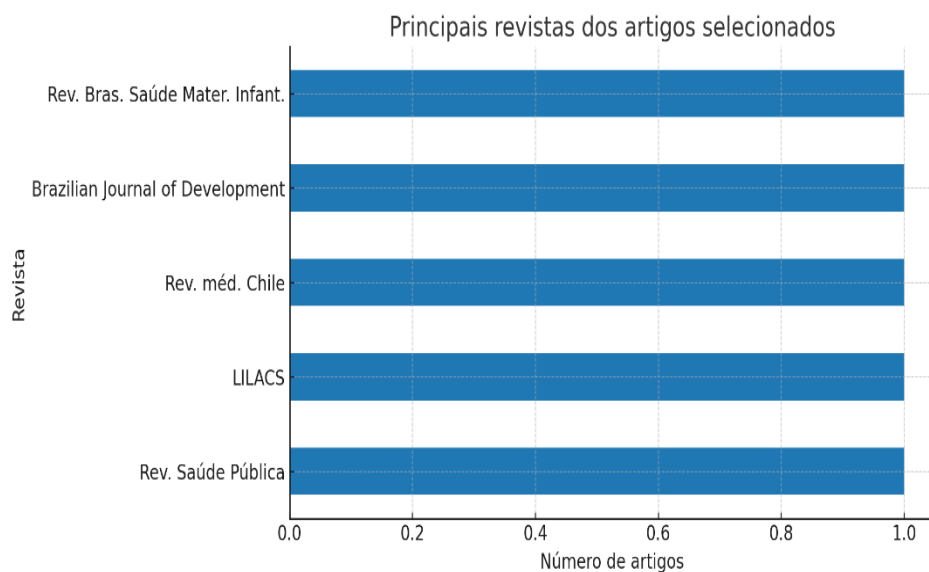
485

**Figura 3.** Distribuição dos artigos por ano de publicação



**Fonte:** Autoria própria

**Figura 4:** Proporção por tipo de estudo



**Fonte:** Autoria própria

**Figura 5:** Principais revistas dos artigos selecionados



**Fonte :** Autoria própria

**Tabela 1:** resultado da pesquisa bibliográfica

Título	Autores	Ano	Revista	Objetivos	Resultados
Incidence and risk factors for intimate partner violence during the postpartum period / Incidência e fatores de risco para violência por parceiro íntimo no período pós-parto	Silva EP, et al. (2018)	2018	Rev. Saúde Pública	Estimar a incidência e identificar fatores de risco para violência por parceiro íntimo no pós-parto.	Incidência de violência no pós-parto foi 9,3% (IC95% 7,0;12,0). Violência psicológica isolada: 4,3% (IC95% 2,8;6,4). Sobreposição com violência física: 3,3% (IC95% 2,0;5,3) e com física ou sexual: ~2,0% (IC95% 0,8;3,0). Risco maior para mulheres com baixa escolaridade (RR=2,6), sem renda (RR=1,7), que agrediam o parceiro (RR=2,0), parceiro controlador (RR=2,5) e brigas frequentes (RR=1,7).
Depressão como mediadora da relação entre violência por parceiro íntimo e dificuldades sexuais após o parto: uma análise estrutural	Sussmann LGP, et al. (2020)	2020	LILACS	Avaliar associação entre VPI anterior ao parto e dificuldades sexuais no pós-parto.	Prevalências: disfunção sexual (30%), VPI (42,8%), depressão pós-parto (27,8%). Violência anterior ao parto sem associação direta ou indireta significativa com dificuldades sexuais.
Violencia contra la mujer durante la gestación y postparto infligida por su pareja en Centros de Atención Primaria de la zona norte de Santiago, Chile	Mella M, et al. (2021)	2021	Rev. méd. Chile	Determinar prevalência de violência contra mulheres em pré-natal e pós-parto.	Prevalência: gestantes (5,7%), puérperas (5,9%). Fatores associados: imigração, histórico de violência doméstica, ausência de apoio do parceiro, consumo de álcool pelo parceiro.
Violência contra a mulher: estupro marital sobre	De Aguiar IR, et al. (2021)	2021	Brazilian Journal of Development	Analisar juridicamente o estupro marital.	Estupro marital é crime de violência sexual em que o marido força a esposa a



a análise jurídica					atos sexuais sem consentimento.
Implantação da assistência pós-parto às mulheres na atenção primária no Sul do Brasil	Baratieri T e Natal S (2022)	2022	Rev. Bras. Saúde Mater. Infant. (Online)	Determinar grau de implantação e analisar aspectos favoráveis/desfavoráveis da assistência pós-parto na atenção primária.	Implantação incipiente na gestão; maior implantação em coordenação do cuidado; execução parcial em apenas um caso; maior atenção ao aleitamento materno, menor à saúde mental, planejamento reprodutivo e longitudinalidade.
Intimate partner violence in the postpartum period and its associated factors among women attending a postnatal clinic in Central Ethiopia	Dirirsa DE, et al. (2022)	2022	Sage Open Med	Avaliar VPI contra mulheres no pós-parto e fatores associados na Etiópia Central.	Prevalência: 31,4%. Associada a renda mensal 1.000-5.000 birr, consumo de álcool pelo parceiro, decisões domésticas e sexo do bebê.
Violência patrimonial: a violência contra a mulher como violação dos direitos humanos	De Oliveira Camargo N e Dos Santos FV (2022)	2022	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	Discutir implicações da violência patrimonial como violação de direitos humanos.	Violência patrimonial é abuso conjugal que afeta direitos humanos essenciais.
Sexualidade feminina após o parto vaginal: relatos sobre o puerpério de mulheres primíparas	De Moura TR e Galvão VK (2023)	2023	Revista Brasileira de Sexualidade Humana	Descrever autopercepção de mulheres primíparas após o parto do primeiro filho.	Parto pode influenciar a sexualidade feminina, com disfunções como dor, baixa lubrificação e libido reduzida.
Disfunção sexual feminina durante o puerpério e o papel da fisioterapia	Da Silva Barros ACB, et al. (2024)	2024	Revista Multidisciplinar do Sertão	Analisar papel da fisioterapia pélvica no pós-parto.	Fisioterapia no puerpério melhorou vida sexual e psicológica das mulheres, facilitando retorno saudável à atividade sexual.

## DISCUSSÃO

A violência no pós-parto, também denominada violência no puerpério, constitui uma questão de saúde pública amplamente reconhecida e que ultrapassa fronteiras geográficas, sociais e culturais. Esse fenômeno repercute não apenas na integridade física e psicológica das mulheres, mas também no desenvolvimento infantil e na dinâmica familiar, configurando-se como um problema de caráter intergeracional. Ao se analisar o tema sob a ótica da saúde coletiva, percebe-se que a violência de gênero no ciclo gravídico-puerperal reflete não apenas relações interpessoais abusivas, mas sobretudo estruturas sociais desiguais, historicamente enraizadas em contextos patriarcais.

No Brasil, a pesquisa de Silva et al. (2018) revelou que mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica — como aquelas com baixa escolaridade, sem autonomia financeira e com parceiros controladores — apresentam risco significativamente maior de sofrer violência por parceiro íntimo no pós-parto. Esses achados convergem com o estudo de Dirirsa et al. (2022), realizado em contexto internacional, que apontou a prevalência da violência pós-parto especialmente entre mulheres imigrantes e entre aquelas que já haviam vivenciado episódios de violência doméstica anteriormente. Esse paralelo entre realidades distintas reforça a compreensão de que a vulnerabilidade feminina transcende fronteiras nacionais, sendo condicionada por fatores estruturais como desigualdade social, pobreza e dependência econômica.

489

Outro aspecto relevante diz respeito à necessidade de uma abordagem intersetorial e integral no cuidado às mulheres no pós-parto. Mella et al. (2021) defendem que a violência nesse período deve ser compreendida dentro de uma rede de fatores biopsicossociais, exigindo a integração entre saúde, assistência social, educação e justiça. Baratieri et al. (2022), por sua vez, evidenciam a precariedade de muitos sistemas de saúde na detecção precoce da violência, sobretudo pela ausência de protocolos específicos, falhas na formação dos profissionais e pela persistente visão biologicista do cuidado materno. Esse contexto gera lacunas importantes, como a falta de acompanhamento psicológico às vítimas, a fragmentação da assistência e a invisibilidade da violência doméstica nos atendimentos de rotina. Complementando essas perspectivas, Sussmann et al. (2022) ressaltam que a subnotificação é um desafio central, uma vez que muitas mulheres não se reconhecem como vítimas ou enfrentam barreiras para denunciar, incluindo medo de represálias, dependência econômica e ausência de apoio familiar.

O apoio social e psicológico emerge, assim, como um determinante crucial para mitigar os efeitos da violência pós-parto. Estudos de Camargo et al. (2022) mostram que a falta de suporte emocional por parte dos parceiros e da família pode intensificar sentimentos de solidão, desamparo e vulnerabilidade. De Moura et al. (2023) complementam essa análise ao destacar que mulheres sem rede de apoio apresentam maior suscetibilidade a quadros de ansiedade, depressão pós-parto e outras desordens psiquiátricas. Tais evidências reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas para o fortalecimento das redes de apoio, incluindo grupos de puérperas, equipes multiprofissionais na atenção básica e programas comunitários de suporte à saúde materna.

A associação entre violência no pós-parto e depressão pós-parto (DPP) é amplamente documentada na literatura. De Aguiar et al. (2021) e Da Silva Barros et al. (2024) demonstram que a violência doméstica não apenas eleva o risco de DPP, mas também está relacionada a disfunções sexuais, perda da autoestima, isolamento social e dificuldades na relação mãe-bebê. Nesse sentido, a violência pós-parto não se limita à mulher, mas afeta diretamente o desenvolvimento infantil, uma vez que a depressão materna está associada a prejuízos no aleitamento, no vínculo afetivo e no desenvolvimento cognitivo da criança. Em estudos brasileiros, a violência obstétrica é apontada como fator adicional para o desencadeamento da DPP, sobretudo em populações historicamente vulnerabilizadas, como mulheres negras, adolescentes e pertencentes a classes sociais desfavorecidas.

490

Para além dos fatores imediatos apontados, é essencial compreender as raízes socioculturais e históricas que sustentam a violência no puerpério. Estruturas patriarcais ainda presentes nas sociedades contemporâneas atribuem à mulher papéis de submissão, cuidado e reprodução, desconsiderando sua autonomia e direitos. Como discutem Baratieri et al. (2022), a negligência institucional ao sofrimento materno pode ser compreendida como reflexo da naturalização da dor e da romantização da maternidade, que frequentemente invisibilizam práticas violentas. A expectativa social de que a mulher suporte silenciosamente as adversidades do puerpério reforça esse processo, legitimando comportamentos abusivos e perpetuando a subnotificação.

Nesse sentido, práticas como a violência patrimonial — exemplificada pelo controle financeiro do parceiro sobre a mulher (Camargo et al., 2022) — e o estupro conjugal (Aguiar et al., 2021) permanecem invisibilizadas, embora tenham repercussões diretas na saúde física e psicológica das mulheres. Ademais, o modelo hegemônico de masculinidade, marcado por

autoritarismo e controle, reforça a desigualdade de gênero e contribui para a perpetuação de comportamentos violentos no âmbito doméstico (Silva et al., 2018; Dirirsa et al., 2022).

Do ponto de vista das políticas públicas, torna-se imprescindível investir em estratégias de prevenção e enfrentamento da violência pós-parto. A atenção primária à saúde, por ser porta de entrada no sistema, deve ser fortalecida com protocolos de rastreamento da violência, capacitação das equipes de saúde da família e integração com serviços de assistência social e justiça. Além disso, políticas intersetoriais que envolvam educação em gênero, empoderamento feminino e campanhas de conscientização social são fundamentais para romper o ciclo da violência.

Outro ponto relevante é a necessidade de formação continuada dos profissionais de saúde, especialmente enfermeiros e médicos que atuam diretamente no pré-natal e no pós-parto. A literatura evidencia que muitos profissionais não se sentem preparados para identificar sinais de violência ou para acolher adequadamente as vítimas, o que contribui para a perpetuação da invisibilidade do fenômeno.

Em síntese, os estudos revisados convergem para a compreensão de que a violência no puerpério é um fenômeno multifatorial e complexo, condicionado por determinantes socioeconômicos, relacionais e estruturais, e agravado por contextos de desigualdade de gênero, raça e classe. A implementação de políticas públicas que articulem cuidados físicos, psicológicos e sociais; promovam a equidade de gênero; e fortaleçam as redes de apoio comunitário é fundamental para prevenir e mitigar os impactos da violência pós-parto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência no pós-parto configura-se como uma questão de saúde pública global, com impactos significativos na saúde física e mental das mulheres. Os estudos revisados evidenciam fatores de risco recorrentes, como baixa escolaridade, ausência de renda própria, controle excessivo por parte do parceiro e histórico de violência doméstica, que aumentam a vulnerabilidade das puérperas (Silva et al., 2018; Dirirsa et al., 2022; Mella et al., 2021). Além disso, pesquisas apontam falhas na assistência pós-parto, como a ausência de protocolos específicos e a insuficiente atenção à saúde mental e à violência doméstica (Baratieri et al., 2022). Os resultados também destacam a importância de redes de apoio social e psicológico, cuja ausência intensifica os efeitos negativos da violência, como a depressão pós-parto e as disfunções sexuais (De Moura et al., 2023; Da Silva Barros et al., 2024). Tais vulnerabilidades

estão relacionadas a estruturas patriarcais e à naturalização da hierarquia masculina, que perpetuam práticas violentas como o estupro conjugal e a violência patrimonial (Aguiar et al., 2021; Camargo et al., 2022). Assim, a violência de gênero no puerpério deve ser compreendida não apenas pelos dados epidemiológicos, mas também como reflexo de construções socioculturais enraizadas. A revisão aponta para a urgência de políticas públicas interdisciplinares que integrem saúde física e mental, fortaleçam redes de apoio e promovam a equidade de gênero. Nesse contexto, a capacitação de profissionais de saúde e a adoção de protocolos específicos são fundamentais para a prevenção e mitigação dos efeitos da violência no período pós-parto.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Liendne Penha et al. Violência por parceiro íntimo na gestação e tempo de retorno das atividades sexuais após o parto: análise da coorte de pré-natal brisa. 2023.

ANASTÁCIO, Zélia. Entre gênero e sexo, o papel da sociedade e o papel da biologia. 2021.

ANDRADE, Leticia Pimentel et al. Amamentação: relato de experiência sobre projeto de extensão. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 2, p. 3989-4004, 2021.

ARAÚJO, Carla Luzia França; DE OLIVEIRA, Bruna Celia Lima. Os cuidados de enfermeiras obstétricas às puérperas durante o período de Greenberg. *Studies in Health Sciences*, v. 4, n. 2, p. 463-473, 2023.

ASSEF, Mariana Rodrigues et al. Aspectos dos transtornos mentais comuns ao puerpério. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, v. 29, p. e7906-e7906, 2021.

BARBOSA, Ana Paula Prado; SANTOS, Letícia Oliveira; SANCHES, Gabriela de Oliveira Stucchi. Atuação da fisioterapia no puerpério imediato: revisão bibliográfica. 2022.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO; Ministério da Saúde, 2018.

BOTIGLIERI, Bruna Carvalho; DA SILVA, Sebastião Anderson Sousa; DE ARAÚJO, Sonália Barros. Promovendo o vínculo mãe-bebê durante o pré-natal. *Facit Business and Technology Journal*, v. 2, n. 45, 2023.

CAMPOS, Luana Moura et al. A violência conjugal expressa durante a gestação e puerpério: o discurso de mulheres. *REME-Revista Mineira de Enfermagem*, v. 23, n. 1, 2019.

CAMPOS, Paula Azevedo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Sou mãe: e agora? Vivências do puerpério. *Psicologia USP*, v. 32, p. e200211, 2021.

CHEFFER, Maycon Hoffmann; NENEVÊ, Danielly Aparecida; OLIVEIRA, Bárbara Pêgo. Assistência de enfermagem frente às mudanças biopsicossociais da mulher no puerpério: uma revisão da literatura. *Varia Scientia-Ciências da Saúde*, v. 6, n. 2, p. 157-164, 2021.

COLONESE, Cristiane Ferraz et al. Violência por parceiro íntimo na gestação: análise do pré-natal ao puerpério. 2022. Tese de doutorado.

CORREIA, Maria Suely Medeiros et al. Acolhimento no cuidado à saúde da mulher no puerpério. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, p. e00136215, 2017.

DA SILVA BARROS, Amanda Carla Bezerra et al. Disfunção sexual feminina durante o puerpério e o papel da fisioterapia. *Revista Multidisciplinar do Sertão*, v. 6, n. S1, p. S40-S40, 2024.

DA SILVA RICARDO, Sabrina Rodrigues; DO COUTO, Karoliny Kelly Borges; QUEIROZ, Fellipe José Gomes. Ativos cosméticos usados para prevenir e controlar o melasma durante o período gestacional. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 6, p. 48452-48460, 2022.

DA SILVA SANTOS, Alyce et al. A utilização de recurso não farmacológico no puerpério imediato: uma revisão sistemática. *CIS-Conjecturas Inter Studies*, v. 22, n. 12, p. 474-487, 2022.

DE AGUIAR, Irailton Rodrigues et al. Violência contra a mulher: estupro marital sobre a análise jurídica. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 11, p. 102590-102609, 2021.

493

DE ALENCAR, Gabriela Serra Pinto et al. Mulheres e direitos humanos: uma perspectiva normativa acerca do enfrentamento da violência de gênero. *Revista de Políticas Públicas*, v. 24, p. 474-491, 2020.

DE ALMEIDA QUADROS, Rafaela et al. Análise dos efeitos dos exercícios do assoalho pélvico versus outras intervenções na prevenção de eventos de incontinência urinária no pós-parto. *Epitaya E-books*, v. 1, n. 55, p. 247-266, 2023.

DE BRITO PITILIN, Erica et al. Determinantes do nível de prolactina em mulheres no pós-parto imediato. *Cogitare Enferm*, v. 25, p. e71511, 2020.

DEFILIPO, Érica Cesário; CHAGAS, Paula Silva de Carvalho; RIBEIRO, Luiz Cláudio. Violence against pregnant women and associated factors in the city of Governador Valadares. *Revista de Saúde Pública* [online]. v. 54 [Accessed 26 March 2024], 135. Available from: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2020054002491>. ISSN 1518-8787.  
<https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2020054002491>.

DE MOURA, Tathiany Rezende; GALVÃO, Vivianny Kelly. Sexualidade feminina após o parto vaginal: relatos sobre o puerpério de mulheres primíparas. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 34, p. 1101-1101, 2023.

DE OLIVEIRA CAMARGO, Natália; DOS SANTOS, Franklin Vieira. Violência patrimonial: a violência contra a mulher como violação dos direitos humanos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 11, p. 1136-1152, 2022.

DINIZ, Luana Cardoso; DO NASCIMENTO, Arianne Carvalho. Depressão pós-parto, baby blues: uma questão de saúde pública. *Humanidades & Inovação*, v. 10, n. 14, p. 181-189, 2023.

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, v. 372, n. 71, p. 1-9, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>